



TENSÃO NAS AMÉRICAS

Trump autoriza ações da CIA na Venezuela

Depois de o *New York Times* divulgar que a Agência Central de Inteligência recebeu sinal verde para atuar dentro do país e até executar operações "letais", presidente dos EUA confirma notícia e revela que analisa "ataques por terra" contra cartéis

» RODRIGO CRAVEIRO

O governo do presidente Donald Trump autorizou, de forma secreta, ações clandestinas da Agência Central de Inteligência (CIA) dentro da Venezuela. A informação, divulgada pelo jornal *The New York Times*, foi confirmada pelo titular da Casa Branca e sinaliza a intensificação de pressão sobre o regime de Nicolás Maduro, depois de bombardeios de supostas embarcações do narcotráfico. A diretiva permitiria à CIA realizar operações letais no território sul-americano.

Em resposta à pergunta de um jornalista, no Salão Oval da Casa Branca, Trump admitiu que considera atacar, em terra, cartéis da Venezuela. "Certamente estamos pensando agora na terra, porque já temos bem sob controle o mar", declarou. Ao ser indagado se autorizou a CIA a "remover Maduro", o republicano ficou visivelmente contrariado. "É ridículo me fazer essa pergunta. Na verdade, não é uma pergunta ridícula, mas não seria ridículo se eu a respondesse?", reagiu. Depois, ao ser confrontado sobre o envolvimento da CIA, ele admitiu que deu o aval à agência para as operações em solo venezuelano.

"Eu autorizei por dois motivos, realmente. Número um: eles (Venezuela) esvaziaram suas prisões nos Estados Unidos. E as outras coisas são as drogas. Temos um monte de drogas entrando da Venezuela. Muitas das drogas venezuelanas chegam pelo mar, (...) mas vamos impedi-las por terra também", disse o republicano.

Maduro reagiu e convocou o país a rejeitar uma possível tentativa da CIA de forçar uma mudança de poder na Venezuela. "Não aos golpes de Estado dados pela CIA, que tanto nos lembram os 30 mil desaparecidos pela CIA nos golpes contra a Argentina (...) Até quando golpes de Estado da CIA?

Andrew Caballero-Reynolds/AFP



A América Latina não os quer, não os necessita e os repudia", avisou o líder chavista, durante um evento na capital venezuelana.

As declarações de Trump repercutiram na imprensa mundial um dia após bombardeiros Stratofortress B-52H, da Força Aérea dos EUA, serem localizados sobrevoando o Mar do Sul do Caribe, em uma demonstração de poderio militar. Ontem, Maduro ordenou exercícios militares nas maiores comunidades venezuelanas,

em retaliação ao envio de destróieres dos EUA ao Mar do Sul do Caribe. Ele desqualificou as acusações de comandar o Cartel de Los Soles como uma desculpa para uma incursão na Venezuela. Também ressaltou que o seu país enfrenta a "ameaça militar mais letal e extravagante da história".

Guaiacipuro Lamedá, general de brigada do Exército da Venezuela, explicou ao **Correio** que, ao usar as palavras "estamos pensando", Trump coloca uma opção

de possível execução. "Isso costuma ser utilizado como mecanismo de pressão para dissuadir o adversário e buscar sua rendição. O clã que usurpa o poder na Venezuela, até agora manifesta que não tem vontade de se render", acrescentou Lamedá, que vive na Califórnia desde 2021.

Perigo ao país

De acordo com Jose Vicente Carrasquero Aumaitre, professor

de ciência política da Universidad Simón Bolívar (em Caracas), é preciso levar em consideração que o governo dos Estados Unidos não reconhece Maduro como presidente. "Trump vê Maduro como chefe do Cartel de Los Soles, um narcotraficante e terrorista. Isso, evidentemente, muda o tratamento que os EUA podem dispensar a isso, pois veem o regime como um problema para a doutrina 'America First' ('América em primeiro



Certamente
estamos pensando
agora na terra,
porque já temos
bem sob controle
o mar"

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, ao admitir ataques por terra na Venezuela

27

Total de mortos em cinco bombardeios dos Estados Unidos a supostas embarcações de cartéis da Venezuela, no Mar do Sul do Caribe, desde 2 de setembro

lugar'). Tal doutrina permite a adoção de ações para a defesa dos Estados Unidos. Washington considera que o Cartel de Los Soles e Maduro representam uma ameaça e tem escalado, de forma gradual, em sua pressão", disse ao **Correio**.

Aumaitre não descarta o engajamento da CIA em operações secretas de assassinato seletivo dentro da Venezuela. "A justificativa de Trump é a de que, por ser uma ameaça ao povo dos EUA, Maduro corre o risco de ser extraído do poder ou eliminado", advertiu o cientista político. Para ele, a Casa Branca coloca sobre a mesa as opções de derrubar o regime de Maduro ou liquidar o ditador venezuelano.

ORIENTE MÉDIO

Israel ameaça retomar bombardeios em Gaza

O clima de entusiasmo e de esperança, após a assinatura do acordo de cessar-fogo na Faixa de Gaza e a troca de todos os 20 reféns vivos por 1.968 presos palestinos, na segunda-feira, deu lugar à preocupação. Israel Katz, ministro da Defesa israelense, afirmou que suas forças retomarão os combates se o movimento islâmico palestino Hamas não respeitar o pacto. "Se o Hamas recusar respeitar o acordo, Israel, em coordenação com os Estados Unidos, retomará os combates e atuará para uma derrota total do Hamas", afirmou uma nota do Ministério da Defesa.

Assessores do governo de Donald Trump se apressaram a suavizar a declaração de Katz e garantiram que o Hamas tem a intenção de honrar a parte das tratativas que dizem respeito à devolução dos corpos dos 28 sequestrados — até a noite desta quarta-feira, sete cadáveres tinham sido entregues pelo movimento. Outro corpo, examinado pelo Instituto Médico Legal, em Tel Aviv, seria de um morador da Faixa de Gaza. "Seguimos ouvindo deles que pretendem honrar o acordo. Querem ver o acordo

Eyad Baba/AFP



Palestinos caminham diante de prédio destruído, em mercado improvisado, no campo de refugiados de Nuseirat, no centro da Faixa de Gaza

concluído nesse aspecto", disse um assessor da Casa Branca, sob a condição de anonimato.

As Brigadas Ezzedine Al-Qasam, braço armado do Hamas,

garantiram que entregaram todos os restos mortais dos reféns que puderam localizar e que necessitarão de equipamento especializado para retirar os demais

dos escombros. A fragilidade do acordo de cessar-fogo também ficou clara na dificuldade em estabilizar a segurança em Gaza e em desmilitarizar o Hamas. O grupo

promoveu execuções sumárias e em massa nas ruas de Gaza e tem travado confrontos com facções supostamente ligadas a Israel.

Em comunicado, o Ministério das Relações Exteriores da França condenou "energicamente" as execuções e afirmou que "os incidentes armados dos últimos dias são particularmente preocupantes". O almirante Brad Cooper, chefe do Comando Central do Exército dos EUA (Centcom) e principal autoridade militar de Washington no Oriente Médio, instou "firmemente" o Hamas a "suspender imediatamente a violência e os disparos contra palestinos inocentes.

"Estado de caos"

Morador da Cidade de Gaza, o fotógrafo Ahmed Hassan Youssef Al-Saifi, 24 anos, admitiu ao **Correio** que há um "estado de caos" no enclave. "Isso ocorre por conta da presença de gangues afiliadas ao Exército de ocupação israelense. Membros da resistência palestina estão trabalhando para recuperar a ordem e confrontar essas facções para prevenir que o caos se espalhe novamente", disse, ao

associar o termo "resistência palestina" ao Hamas.

Alon Ben-Meir, professor de relações internacionais da Universidade de Nova York, vê uma chance para que Israel e Hamas avancem no processo de paz. "A dúvida é se Netanyahu dará um passo nessa direção. O Hamas ainda não se desarmou e, por isso, não está certo se deve ou não participar do processo de paz", afirmou ao **Correio**. "Se o Hamas for autorizado a se juntar ao processo de paz, será muito mais fácil o desarmamento. Nesse sentido, a organização reivindicará a vitória, por ter alcançado o que desejava, caminhando rumo a uma solução de dois Estados."

Na terça-feira, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ameaçou utilizar a violência para desarmar o Hamas, caso o movimento não tome essa iniciativa. Professor de história aposentado da Universidade Libanesa Americana (em Beirute), Habib C. Malik disse à reportagem ver o ultimato da Casa Branca com preocupação. "Isso poderia ser facilmente traduzido em Washington dando sinal verde para Israel entrar e finalizar com o Hamas." (**Rodrigo Craveiro**)